

# O Marxismo da crise

## Etiologia histórica da situação atual

### *Resumo*

*Uma etapa da história não pode ser bem compreendida se não revermos o caminho que conduziu a ela e se não reconstruirmos a história das ideias que subjaz aos fatos. A cultura contemporânea é fruto de uma crise com raízes antigas e está marcada particularmente pela presença de dois movimentos neomarxistas: o feminismo e a ideologia de gênero. Um artigo científico é uma possibilidade estreita para reconstruir profundamente essa história dos fatos e das ideias, mas nos oferece a possibilidade de um conhecimento geral e sumário sobre onde a crise começou, por onde ela passou e quais seus principais elementos. Neste artigo nos propomos a procurar a etiologia histórica da crise atual, partindo da sua raiz na modernidade, passando pelo marxismo e pelos movimentos neomarxistas, até chegar aos dois principais movimentos supracitados que formam nossa cultura atual e a colocam em uma séria crise. Ao fim, procuramos fazer alguns apontamentos para a superação do estado crítico atual.*

Palavras chaves: Modernidade. Marxismo. Dialética. Feminismo. Gênero.

### *Abstract*

*A stage in history cannot be properly understood if we do not review the path that led to it and if we do not reconstruct the history of the ideas that underlie the facts. Contemporary culture is the result of a crisis with ancient roots and is particularly marked by the presence of two neo-Marxist movements: feminism and gender ideology. A scientific article is a narrow possibility to deeply reconstruct this history of facts and ideas, but it offers us the possibility of a general and summary knowledge about where the crisis started, where it passed and what are its main elements. In this article we propose to look for the historical aetiology of the*

*current crisis, starting from its root in modernity, passing through Marxism and neo-Marxist movements, until reaching the two main movements mentioned above that form our current culture and put it in a serious crisis. In the end, we try to make some suggestions on how to overcome this current critical state.*

Key words: Modernity. Marxism. Dialectic. Feminism. Gender.

\* \* \*

## Introdução

A cultura contemporânea é marcada por alguns elementos positivos. Sem sermos demasiadamente enfadonhos listando todos, podemos notar um empenho crescente, ainda que não generalizado, por uma maior e mais concreta solidariedade. Ao mesmo tempo, crescem variadas formas de voluntariado, indicando que um número de pessoas possui um estilo de vida mais desinteressado, aberto e solidário. Além disso, é possível ver que, diante do desenvolvimento das ciências e das técnicas e da crescente difusão de informação e cultura, também cresce a exigência de uma reflexão mais séria sobre a ética. Por fim, as diversas experiências negativas vividas por muitos, faz com o ser humano se pergunte sobre os valores que são verdadeiramente capazes de dar plenitude de significado à vida, ao sofrimento e à morte.

Por outro lado, um olhar atento nos faz ver uma realidade cheia de sombras e, não raras vezes, de trevas. Essa situação obscura é corolária, em grande parte, da influência sofrida pelo feminismo e sua versão recente mais radical, a ideologia de gênero, que é o movimento cultural de influxo mais vasto nas categorias mentais contemporâneas.<sup>1</sup>

Um exemplo claríssimo da influência desse movimento em âmbitos diversos da cultura e da sociedade brasileira é a recém julgada Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI 5581), ajuizada pela Associação Nacional dos Defensores Públicos, que, entre outras coisas, propõe o direito

---

<sup>1</sup> FAZIO, 2014, 255.

ao aborto às mulheres infectadas pelo zika vírus. A lista que revela tal influência é alargada pelas manobras em vista da diminuição da população mundial, a maximização do prazer, a eliminação de toda e qualquer diferença entre homens e mulheres, a inexistência de mães a tempo pleno, metas que exigem a distribuição grátis de anticoncepcionais, a promoção da homossexualidade e da equiparação das uniões homossexuais ao casamento monogâmico entre um homem e uma mulher, a eliminação do direito dos pais de educarem os filhos segundo valores contrários aos mencionados anteriormente, uma educação sexual que subverta os valores morais tradicionais e o descrédito de todas as religiões que se oponham a essa agenda.

No filme “O Senhor dos Anéis – As duas torres”, baseado no famoso livro de J. R. R. Tolkien, na iminência da batalha do Abismo de Helm, vendo o avanço do poder das trevas e a provável destruição de seu reino e da humanidade, das famílias e das crianças, o Rei Théoden, de Rohan, se perguntou: “Como fomos chegar a esse ponto?”. Neste momento obscuro da história, em que assistimos a ameaça da destruição de nossa cultura, das nossas famílias e das nossas crianças, penso que é lícito parafrasearmos o rei e fazermos a mesma pergunta no intuito de reconstruir o caminho que nos fez chegar a esse ponto tão confuso da nossa cultura para, quiçá, podemos superá-lo.

## **I. A Modernidade e sua evolução ideológica**

Se retrocedêssemos temporalmente, buscando as raízes remotas daquilo que hoje assistimos na nossa cultura, poderíamos definir como marco inicial o que Fazio chama de Modernidade ideológica.<sup>2</sup> Como esta é herdeira do iluminismo, do romantismo e do idealismo alemão, ela mantém-se conectada com esses movimentos anteriores, exigindo, portanto, que nos detenhamos, ainda que sumariamente, a enumerar algumas de suas características principais, para entendermos melhor as ideias que construíram a cultura atual.

### **1. Os antecedentes da Modernidade ideológica**

A partir de meados do século XIV, certos movimentos, começando pelo renascimento e chegando ao racionalismo moderno, propuseram uma

---

<sup>2</sup> Cf. Id., 2014, p. 106-189.

mudança do eixo existencial em direção a um ideal humanista, naturalista e racionalista, em detrimento da compreensão teocêntrica do mundo, do homem e da sua relação com Deus. Esta exaltação do ser humano e da sua razão foi se configurando, pouco a pouco, como um dever de emancipar o homem da sua submissão a Deus e de dar a ele a liberdade e a maioridade que merecia, o que poderíamos chamar de secularização extrema ou secularismo. Esse caminho culminou, no século XVIII, naquilo que conhecemos como Iluminismo.

Paralelamente ao apogeu do Iluminismo, surgiram vozes críticas que o consideravam unilateral e alheio à vida real das pessoas. Esta crítica, que se configurou como um movimento cultural, artístico, filosófico e musical, ficou conhecido como Romantismo e que se consolidou no início do século XIX. Suas principais características eram: a valorização do sentimento, em detrimento da razão científica iluminista; a descoberta do infinito, frente aos limites impostos pela razão científica; o interesse pela história, como concretização finita do infinito, criando uma dialética entre infinito e finito; a arte como saber de salvação, em oposição ao saber racional.

Simultaneamente a esses fatos, as descobertas das ciências positivas, que estavam ligadas ao método cartesiano e que, pouco a pouco, serviriam de base para o positivismo nascente, colocaram em dúvida todo o conhecimento que o homem tinha do mundo até então, abrindo assim as portas para um grande ceticismo. O clima de ceticismo e de dúvida instaurado dentro desse contexto foi, por sua vez, acolhido pelo filósofo Immanuel Kant, que acabou por negar a possibilidade do conhecimento da “coisa em si”, propondo o abandono da metafísica. Isso significava que a certeza não existiria, restando apenas um consenso científico garantido pelas ciências positivas. Cresce, assim, o relativismo e a descrença em verdades absolutas.

## **2. A dialética hegeliana**

Em contraposição a esta desconfiança em relação ao conhecimento, nasce o idealismo, cujo grande expoente alemão é o filósofo Friedrich Hegel. O pressuposto fundamental de sua filosofia era a fé no poder cognitivo do espírito humano. Baseado nesse poder, o homem seria capaz de compreender toda a história da humanidade.

Para refletir e responder às questões mais prementes colocados, sobretudo por Kant, Hegel faz uso, sobretudo, da dialética. A dialética, enquanto método de investigação filosófica, fora usada desde a antiguidade, tendo

como um dos primeiros expoentes o filósofo Aristóteles. Na tentativa de construir uma filosofia da história, Hegel parece ter assumido a dialética sob uma nova perspectiva.

Segundo Merquior<sup>3</sup>, para Hegel, a história da humanidade é marcada pelo princípio da contradição, isto é, por um repetido conflito entre uma tese e uma antítese. Este movimento conflitivo, que passou a ser conhecido como “Dialética histórica”, produziria uma síntese que, por sua vez, faria nascer uma nova tese a ser contraposta por outra antítese e assim por diante. Tudo isso deveria levar a história ao seu “telos”, que seria o Estado, compreendido como totalidade e como fim da história.

O idealismo, do qual Hegel é o um dos maiores representantes, juntamente com o iluminismo e o romantismo, são as bases da Modernidade ideológica, chamada assim em virtude da predominância das ideologias políticas baseadas na Revolução Francesa de 1789. A Modernidade ideológica é formada por três principais movimentos teóricos e práticos que são como desdobramentos do *motu* da revolução jacobina: o liberalismo, que encarnava a liberdade, o marxismo, que encarnava a igualdade, e o nacionalismo, que encarnava a fraternidade. Além desses, temos um quarto movimento, de caráter transversal, que é o cientificismo.

### **3. A Modernidade ideológica e o marxismo de Marx e Engels**

Dentre os movimentos formadores da Modernidade ideológica, merece destaque a filosofia proposta por Karl Marx e seu colaborador Friedrich Engels. Como afirma Santos<sup>4</sup>, ao falar das influências sofridas por Marx, o marxismo teórico postulado por ele e por Engels afunda suas raízes na cosmovisão hegeliana da dialética, compreendida, porém, segundo um matiz específico. De acordo com a leitura feita pelos dois alemães, a dialética histórica que sempre moveu o mundo não foi senão a luta de classes<sup>5</sup> que, no momento em que eles viviam, era representada pela luta entre os capitalistas industriários e os trabalhadores das fábricas.

Mesmo sendo insustentável científica e historicamente, como explica Voegelin (2008, p. 78-90.127-128), os postulados dos dois alemães ganharam ampla aceitação. Seus princípios influenciarão fortemente os

---

<sup>3</sup> Cf. MERQUIOR, 2018, 34-35.

<sup>4</sup> Cf. SANTOS, 2018, 55.

<sup>5</sup> Cf. MARX e ENGELS, 2019, 62.

movimentos que, no século XX, serão os principais formadores da cultura contemporânea.

A teoria postulada por Marx e Engels foi a tentativa de responder à assim conhecida “Questão social”, ligada à Revolução Industrial. Para eles, a consciência que o homem tem de si e sua cosmovisão é uma superestrutura produzida pelas estruturas econômicas, que regulam as relações entre os elementos de uma sociedade. Assim, a classe dos trabalhadores da sua época estaria alienada pela estrutura capitalista.

Para resolver a alienação vivida pelos trabalhadores das indústrias nascentes, Marx defendia a formação do que podemos chamar de uma “consciência revolucionária” que teria de ser assumida pelos trabalhadores. Esta consciência deveria, sucessivamente, se desdobrar em uma “mentalidade revolucionária”, a fim de que a classe oprimida conquistasse, por meio de uma revolução, que não pode ser julgada por critérios morais, a utopia teórica do estado comunista ideal, onde os problemas advindos do capitalismo seriam resolvidos e os problemas sociais seriam eliminados. Individuamos, assim, um primeiro princípio característico do marxismo: a mentalidade revolucionária. Partindo de uma cosmovisão dialética, Marx e Engels defendiam que, para acabar com a exploração sofrida pelos trabalhadores, seria necessária estimular o conflito dialético entre as classes a fim de acelerar a revolução do proletariado, como ponto de desalienação das massas, e a tomada do poder por parte dos trabalhadores.

Um segundo princípio característico do marxismo diz respeito à religião. Segundo Fazio<sup>6</sup>, Marx via a religião como sendo, simultaneamente, causa e efeito da alienação sócio econômica. Por isso, seguindo o ateísmo de Ludwig Feuerbach, Marx sustentava que a religião aliena e é o ópio do povo. Assim seria necessário aboli-la, não deixando espaço para a questão de Deus na sociedade.

Por fim, um terceiro princípio característico do marxismo se refere à família. Assim como para Marx, Engels enxergava a família, fundada no matrimônio monogâmico, como a estrutura que deu origem à propriedade privada e esta, por sua vez, ao Estado, como órgão regulador necessário. Daí sua convicção de que “a primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos”<sup>7</sup>. Por isso, seria

---

<sup>6</sup> Cf. FAZIO, 2014, 166-167.

<sup>7</sup> ENGELS, 2016, 79.

necessário um “propósito infame”<sup>8</sup> de supressão da família, a fim de eliminar a raiz da propriedade privada, e a tomada de posse da educação das crianças, em nome de eliminar a exploração delas pelos pais.

## II. O neomarxismo

A modernidade ideológica entra em crise no fim do século XIX e início do XX e são os movimentos que nascem a partir da releitura desse período que têm amplo papel na formação da cultura contemporânea. Os principais movimentos formadores da cultura hodierna são aqueles que têm como matriz reflexiva e prática os postulados Marx e Engels<sup>9</sup> e, paralelos a eles e em sinergia com esses movimentos, se somam outros de influência mais localizada, segundo o conteúdo específico de cada um.

### 1. A revolução russa leninista

O marxismo teórico foi interpretado de diversos modos ao longo da história, segundo os diversos autores e o sucesso da implementação ou não das ideias marxistas. Mesmo que alguns defendam que exista um marxismo de Marx e outro de seus intérpretes, em todos os que se aventuraram numa releitura interpretativa e propositiva da obra marxiana parece haver um elemento comum: unanimemente partem dos princípios que marcavam o pensamento de Marx e Engels.

Uma das primeiras releituras da proposta de Marx e Engels foi feita por Lenin. Nesse caso específico, a ideia marxista da dialética de classes foi amplamente acolhida na Rússia. Fundando sua ação nos princípios marxistas, a ala bolchevista do Partido Operário Social Democrata Russo, por meio das armas, promoveu a Revolução Russa em 1917. Essa revolução, liderada por Lenin e depois por Stalin, seguindo a mesma ideia de Maximilien de Robespierre, defendia que a revolução deveria ser levada a cabo e tudo a ser feito em favor dela não poderia ser sujeito a um juízo moral, desde que servisse a esta causa.

O levante armado leninista, apesar de sua contradição real, propôs uma revolução imposta pelo Estado, mas que depois deveria dar lugar ao verdadeiro detentor do poder, o proletariado. A incoerência é que, na

---

<sup>8</sup> MARX e ENGELS, 2019, 83.

<sup>9</sup> Cf. FAZIO, 2014,155-176.244-256.

prática, os chefes estadistas comunistas, como descreve Santos<sup>10</sup>, tão logo viram seu poder absoluto ser ameaçado pelo defendido proletariado, agiram com mão de ferro com qualquer um que tentasse lhes tirar o poder. Vê-se, assim, que a utopia marxista servia somente para colocar no poder um grupo, imbuído dessa ideologia, e mantê-lo no poder, sem a real preocupação com as questões sociais.

Por causa disso, as revoluções socialistas, a começar da russa, e depois as que se deram em países como China, Vietnã, Coréia e etc., produziram o maior “fratricídio” da história da humanidade: cerca de 100 milhões de mortos ao longo dos tempos.<sup>11</sup> Esses números continuam a ser incrementados onde o comunismo ainda reina. Se nos escandalizamos com o Holocausto, que reação deveríamos ter diante desses números!?

Não obstante esse fratricídio escandaloso, no caso do comunismo russo leninista e, depois, no de Stalin, a cosmovisão dialética produziu um conflito dialético global: a separação do mundo em dois blocos. Quem viveu durante os anos da Guerra fria e via a maleta preta, vulgarmente conhecida como “Nuclear football” (Bola nuclear), levada pelo presidente dos Estados Unidos, sabe que essa cosmovisão dialética poderia, em minutos, detonar uma terceira guerra mundial, levando a mais um morticínio em massa que, em partes, aconteceu como uma guerra fria.

## **2. O socialismo fabiano**

No campo da política e da economia, as obras de Marx e Engels não tiveram somente aquela releitura leninista que culminou com a revolução russa. A ala menchevista do Partido Operário Socialdemocrata Russo defendia que o processo de desalienação e superação da luta de classes deveria ser feito, mas não com as armas.

Esta ideia foi retomada e promovida pela Sociedade Fabiana, que deu impulso para o avanço da Social Democracia no Ocidente. Fundada, em 1883 por um grupo de socialistas e liderada por Hubert Bland, esta sociedade tinha o intuito de promover as ideias do filósofo alemão Karl Marx por meio do gradualismo e de “condicionar” a sociedade por meio de medidas socialistas disfarçadas, do mesmo modo como propunha a ala menchevista do Partido Operário Socialdemocrata Russo.

---

<sup>10</sup> SANTOS, 2018, 103-109.113-133.

<sup>11</sup> Cf. COURTOIS et al, 2019, 16.



Segundo a social democracia Fabiana, a ausência do domínio das classes poderia ser alcançado mediante processos democráticos, de modo que os partidos socialdemocratas, que são também marxistas, deveriam conquistar o poder não através da revolução, mas mediante a vitória nas eleições, de modo que a democracia trabalhasse em função da implantação do comunismo.<sup>12</sup> Por isso, tais partidos sempre praticaram os princípios marxistas acima enumerados e apoiaram a agenda dos outros movimentos neomarxistas, tais como a do feminismo e da ideologia de gênero.

Essa concepção político econômica ocupou ostensivamente o cenário ocidental e, no Brasil, foi incorporada pelos presidentes que governaram nosso país no período da República Populista e, depois do Regime Militar, voltou com força ao cenário brasileiro através dos partidos que se auto-denominavam de centro e de centro esquerda. Em todos os casos, o que se criou foi uma concepção sócio econômica conflitiva, na qual os rivais seriam o rico empresário e o povo pobre. E, como é típico do marxismo, o Estado aparece como o bom “mocinho” que vem para salvar os pobres e livrá-los da opressão. Todos esses fatos pudemos testemunhá-los no Brasil até o passado recente.

### **3. A Escola de Frankfurt**

Como a tão sonhada revolução do proletariado e a desalienação das massas não estava acontecendo, a tática de difusão do marxismo deveria ser mudada. Dentro desse contexto, são proposta novas leituras da dialética marxista, a começar por Georg Lukács e Antonio Gramsci. Entre essas releituras, tem um importante papel a Escola de Frankfurt, à qual pertenceu pensadores como Max Horkheimer, Theodor Adorno, Jürgen Habermas, que tiveram e continuam a ter grande influência na história do pensamento e na formação cultural ocidental atual.<sup>13</sup>

Também chamada de Instituto de Pesquisas Sociológicas de Frankfurt, a escola foi criada por Felix Weil com base nas ideias de Gramsci e do teórico marxista Karl Korsch. Weil se mostrava preocupado com os rumos da revolução russa e os frutos que ela não estava produzindo e, por isso, passou a organizar uma série de congressos de pensadores marxistas a fim de discutir e acelerar o processo da revolução marxista. A Escola de Frankfurt se mostrou como um marco do assim chamado “Marxismo

---

<sup>12</sup> Cf. Fazio, 2014, 171-174.

<sup>13</sup> MERQUIOR, 2018, 141-148.

ocidental”, que tinha contornos revolucionários muito mais culturais que armados,<sup>14</sup> e que assumiu o trabalho silencioso de fazer o marxismo penetrar a cultura e promover uma revolução não armada.

Um dos pensadores marxistas que influenciaram a Escola era Korsch, um teórico contemporâneo de Gramsci, que dizia que o Estado era estruturado pela economia, mas tem como base outra estrutura: a cultura que determina os valores que são passados de geração em geração. Para os teóricos da Escola, “o sistema impõe a sua própria racionalidade e serve-se da indústria da cultura – os modernos mass media – para homogeneizar gostos e ideias e para ‘vender’ ilusões de felicidade que, na realidade, oprime e anula. Em uma palavra: a cultura era o meio de alienação”<sup>15</sup>.

Seguindo essa preocupação de atacar as estruturas que causavam a alienação, Horkheimer, que sucedeu Weil na condução desta Escola, na esteira do pensamento de Gramsci, acreditava que a revolução aconteceria na medida em que se destruíssem os valores que se perpetuavam por meio da cultura. Como essa era construída, sobretudo, pela influência da Igreja, da família e das instituições educacionais na transmissão dos valores, então seria necessária uma verdadeira luta, por meio da teoria crítica, para esvaziar o papel dessas instâncias educativas, a fim de que os intelectuais marxistas as substituíssem e eles mesmos ensinassem os seus “valores” para as novas gerações, estabelecendo a hegemonia cultural comunista. Como vimos acima, a necessidade de tal estratégia já tinha sido incentivada e confessada como um crime, ainda que em termos germinais, pelo próprio Marx e seu companheiro.

#### **4. A revolução marcusiana**

Um dos alunos da Escola de Frankfurt foi Herbert Marcuse, que teve um papel importantíssimo na formação da cultura atual. Basta lembrarmos que os estudantes da revolução de 68 não levavam na mão o “Manifesto Comunista” de Marx e Engels, mas os livros de Marcuse.

Descrente com os rumos da desejada desalienação das massas e vendo que as armas não seriam capazes de produzir a revolução, Marcuse propõe uma nova maneira de fazê-la, tendo como pano de fundo a psicanálise de Sigmund Freud e a revolução sexual de Wilhelm Reich. Segundo suas premissas, Freud estabelece uma visão pansexualista do mundo,

---

<sup>14</sup> Cf. *Ibid.*, 14-15.

<sup>15</sup> Cf. FAZIO, 2014, 245.

levando a crer que todo fenômeno individual e social teria sua origem na dimensão sexual. Esta ideia servirá como elemento de interpretação do mundo e, somada aos postulados marxistas, se tornará a base para a proposta de Reich.<sup>16</sup>

Reich defendia a liberdade sexual frente às leis impostas pelas instituições tradicionais e por qualquer outra autoridade, deixando espaço para a livre manifestação erótica. A liberdade das paixões levaria, por sua vez, ao desaparecimento da agressividade e das ideias contrárias à felicidade. Para isso, seria necessário destruir a família e a Igreja, o que equivaleria fazer ruir, desde de dentro, os lugares de aprendizado dos valores que aprisionariam o *éros*.<sup>17</sup>

Essas ideias serão retomadas e aprofundadas por Marcuse em seu livro “Eros e civilização”. Nele, Marcuse pretendia promover um novo levante, movido pelo despertar do princípio do prazer, a fim de fazer aquilo que as armas não fizeram: romper com as superestruturas que, segundo a descrição histórica de Engels no seu livro “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”, haviam iniciado a luta de classes e conduzido a civilização ocidental ao estado alienado.<sup>18</sup>

Para este fim, Marcuse promovia um niilismo moral, sobretudo em campo sexual onde a racionalidade sexual deveria conter “suas próprias leis morais”<sup>19</sup> em oposição àquelas defendidas pelo ocidente. Essa nova moral liberaria o princípio do prazer do controle opressivo e alienatório da moral judaico-cristã ocidental ao mesmo tempo que promoveria a construção de uma sociedade semelhante àquela pré-civilizacional<sup>20</sup> descrita por Engels.<sup>21</sup>

Tudo isso serviu de base para se fundar nos EUA a “New Left” (Nova esquerda), que se difundiu amplamente por meio das artes e da contracultura dos anos 60, envolvendo particularmente o movimento hippies. No Brasil, esta mesma ideologia foi assumida, defendida e promovida por muitos membros da classe artística da geração “é proibido proibir” nos anos da Tropicália. O escopo último, na linha da Escola de Frankfurt,

---

<sup>16</sup> Cf. *Ibid.*, 238-242.

<sup>17</sup> Cf. *Ibid.*, 242-244.

<sup>18</sup> Cf. MERQUIOR, 2018, 200-201.

<sup>19</sup> MARCUSE, 1956, 192.

<sup>20</sup> Cf. *ibid.*, 108.120.134.

<sup>21</sup> Cf. ENGELS, 2016, p. 27-74.

era fazer ruir as estruturas tradicionais de transmissão de valores, como testemunhará um antigo apoiador de Marcuse e dissidente da “New Left”, David Horowitz, em seus dois livros “O filho radical” e “Dark agenda”.

Em última análise, a proposta marcusiana, fundada na cosmovisão dialética, visava a subversão do ocidente tradicional por meio do conflito interno existente no próprio homem, opondo “*éros*” e valores morais, princípio do prazer e princípio da realidade, e, em base a isto, do conflito externo entre moral tradicional e liberdade erótica. A liberação moral da possibilidade de uma experiência sexual polimórfica, amplamente defendida desde a década de 60 até hoje, faria o seu trabalho ao liberar as forças sexuais do ser humano.

### **5. A educação marxista**

A dialética marxista também teve sua releitura no campo da educação, por meio da reflexão feita por Lev Vygotsky. Sua releitura, em campo pedagógico, criou o que ficou conhecido como “Sócio construtivismo”. Influenciado por Marx, Vygotsky propôs um modelo de aprendizagem que queria ser uma alternativa à concepção de Jean Piaget, que era centrada no indivíduo. Para o defensor do construtivismo, o nível social teria preponderância sobre o individual.<sup>22</sup>

A maior influência neste campo educacional, ainda que de modo indireto, é, porém, a do jornalista comunista italiano Antonio Gramsci. Na sua releitura, feita sobretudo durante os anos de prisão e recolhida nos conhecidos “Cadernos do cárcere”, Gramsci descreveu como o Estado usa as instituições culturais para manter o poder. Sendo assim, o predomínio social deveria preceder a dominação política. Isso se dá através de um processo revolucionário a ser levado a cabo por meio de uma revolução cultural conduzida por intelectuais comunistas que deveriam elaborar um novo sentido comum imanentista desenraizado da tradição cristã.<sup>23</sup> Todo este processo de implantação das ideias marxistas se daria pelo controle do sistema educacional e dos meios de comunicação e a utilização dos mesmo como instrumentos de dominação ideológica e, sucessivamente, política.<sup>24</sup>

---

<sup>22</sup> Cf. VYGOTSKY, 2000.

<sup>23</sup> Cf. FAZIO, 2014, 173.

<sup>24</sup> Cf. MERQUIOR, 2018, 120-137.

A influência de Gramsci foi ampla e um bom exemplo de sua prática se deu no Brasil, através da pedagogia de Paulo Freire, que continua a ser a teoria e a prática pedagógica mais utilizada no nosso País. Sua proposta didática, que lê o processo de ensino e aprendizado em chave dialética, cuja classe oprimida é a dos estudantes,<sup>25</sup> fundamenta-se na crença de que o aluno assimilaria o objeto de estudo aplicando o instrumento da dialética na realidade. Assim, o educando criaria sua própria educação, fazendo ele próprio o caminho e não seguindo um já previamente construído pelo professor. Ao mesmo tempo, libertando-se de chavões alienantes, o educando seguiria e criaria o rumo do seu aprendizado,<sup>26</sup> sendo autônomo nesse processo.

Por detrás dessas ideias que, sob certo aspecto, encerram elementos verdadeiros, se escondia, no entanto, a intenção de politizar a educação. A conscientização e a autonomia pregada em seu sistema não admitiam a neutralidade política. Sendo assim, a pedagogia da pergunta, por ele proposta, deveria, na verdade, conduzir os alunos para uma visão anticapitalista e, portanto, a cátedra magisterial seria o lugar da desalienação, que significa a promoção das ideias comunistas em vista da tão sonhada revolução, que admitia até mesmo a violência contra os opressores, tirando-lhes a vida.<sup>27</sup>

Sobre a politização do ensino, Freire mesmo afirma:

Creio poder afirmar, na altura destas considerações, que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra.<sup>28</sup>

E esta politização não seria somente restrita a alguns âmbitos ou níveis da educação. Freire chega a declarar que a ação político-pedagógica deveria incidir em todos os âmbitos do trabalho em função da revolução, inclusive na alfabetização de crianças.<sup>29</sup>

---

<sup>25</sup> Cf. FREIRE, 2005.

<sup>26</sup> Cf. ID., 2011.

<sup>27</sup> Cf. ID., 2005, 197.

<sup>28</sup> ID., 2011, 68.

<sup>29</sup> Cf. *Ibid.*, 74-77.

Todas essas ideias, favorecidas pelo predomínio dos autores filo marxistas no ambiente universitário, tais como Jacques Derrida, Michel Foucault, Jean-Paul Sartre e os já citados nesse artigo, dominaram as faculdades de pedagogia e licenciatura no Brasil, produzindo, desde os anos 70, um exército de seguidores de uma pedagogia fundada no marxismo e que marcou toda a educação brasileira, da infantil à universitária. Dentro desse contexto, nasceram os grêmios estudantis, os Diretórios Centrais dos Estudantes (DCE's), Centros e Diretórios Acadêmicos (CA's e DA's) e afins que, assemelhando-se aos sindicatos, tornaram-se um lugar privilegiado de formação da militância marxista e promoveram uma visão dialética, que se converteu em prática conflitiva, inclusive violenta, apoiada pelos mais famosos escritos de Freire.<sup>30</sup>

Essa mentalidade, ao invés de construir um ambiente educativo onde todos são responsáveis e que produza frutos na educação dos estudantes, fomentou um clima conflitivo que levou a educação no Brasil a se tornar uma das piores no mundo, como provam os resultados do PISA (Programme for International Student Assessment), de modo que é possível afirmar que a dialética marxista não faz somente vítimas físicas, mas também milhares de vítimas intelectuais.

## **6. O papel da mídia**

Apesar de não ser um movimento enquanto tal, os “Mass media” foram um potente instrumento para a disseminação da ideologia marxista e do neomarxismo. Uma rápida olhada nos programas de televisão promovidos pela maioria das emissoras, no catálogo dos filmes, a leitura dos livros em destaque no cenário atual e dos textos publicados na grande mídia, sobretudo a que usa da internet para alcançar seus leitores, nos fará encontrar uma ou mais ideias ancoradas no pensamento de Marx. Isso tudo foi ainda mais potencializado pela atuação consciente da classe artística que, na sua grande parte, é fiel defensora da revolução comunista e serviu como modelo ideal para os cidadãos.

Como o público desse espetáculo midiático é, em sua boa parte, formado por expectadores passivos e não leitores críticos, essas ideias foram sendo propostas e, como que por osmose, foram se convertendo na base da cultura atual e absorvidas inconscientemente por todos, mesmo por quem se declarava capitalista e conservador. Os ares que respiramos, desde

---

<sup>30</sup> Cf. *Ibid.*, 74-76.

as primeiras décadas do século XX, carregados pelas ideias marxistas, sopraram por todos os lados, desde a política, a educação e as artes, de modo que, muitos de nós, passamos a agir segundo esses postulados sem nos dar conta.

### **III. Os frutos na história imediata e suas obscuridades**

Sobre as bases colocadas pelos teóricos anteriormente mencionados, se construíram muitos edifícios de poder que estão levando nossa cultura à sua completa falência. Entre eles estão os dois movimentos que mais influenciam as categorias mentais contemporâneas: o feminismo e sua versão mais radical, a ideologia de gênero.

#### **1. O feminismo**

Tendo em conta os principais temas e reivindicações deste movimento, os teóricos passaram a dividi-lo em três períodos, também conhecidos como as três ondas do feminismo.

##### **a) A primeira onda**

A primeira onda compreende o extenso período da atividade feminista ocorrido durante o século XIX e início do XX. Essa atividade tinha como foco: a promoção da igualdade nos direitos contratuais e de propriedade para homens e mulheres; a oposição aos casamentos arranjados e da propriedade de mulheres casadas por seus maridos; a conquista de poder político, especialmente o direito ao voto. Esta onda tem muito pouca influência nos dias atuais, mesmo porque as pautas de sua agenda nem existem mais.

Mesmo que no início o movimento tivesse se focado na conquista de poderes políticos, especialmente o direito ao sufrágio por parte das mulheres, feministas como Voltairine de Cleyre e Margaret Sanger, que viveram nesse período, já começavam a fazer campanhas pelos direitos sexuais, reprodutivos e econômicos das mulheres. Estas reivindicações ganharão mais força e centralidade somente na segunda onda.

##### **b) A segunda onda**

A segunda onda do feminismo, mais influente nos dias atuais, começou na década de 60 e 70. Ela se mostrava bastante preocupada com as

questões de igualdade que vão além do sufrágio e visava acabar com a discriminação gerada, segundo seus fatores, pela desigualdade cultural e política das mulheres, que estava intrinsecamente ligada às estruturas de poder ligadas às diferenças sexuais. A segunda onda foi, portanto, marcada pela visão conflitiva entre o homem e a mulher.

Essa visão tem como referência principal a releitura marxista feita pela francesa Simone de Beauvoir, discípula e amante de Jean Paul Sartre, e, em certa medida, pela teoria defendida por Marcuse. Baseando sua reflexão na dialética marxista, mas mais particularmente na célebre ideia de Engels de que a mais antiga divisão do trabalho é a estabelecida entre o homem e a mulher para a geração dos filhos, Beauvoir defendia que a primeira opressão de uma classe sobre outra se dá com a mulher sendo submetida ao homem no matrimônio. Em suas palavras, “a mulher sempre foi, se não a escrava do homem, ao menos sua vassala”<sup>31</sup>.

A filosofia de Beauvoir expressava a versão feminista das ideias defendidas pela Escola de Frankfurt, lidas sob a ótica do pansexualismo freudiano. Os homens eram a encarnação da classe capitalista opressora e as mulheres da classe oprimida. Sendo assim, o fim da dominação e da alienação se daria pela vitória sobre o patriarcado e a destruição de todas as estruturas da sociedade ocidental que o sustentavam, sobretudo a família e a Igreja.<sup>32</sup> Tudo isso, deveria levar ao amor livre, como defendia Reich.

Os postulados da amante de Sartre e de outras teóricas foram assumidos pelas grandes expoentes do movimento feminista, dentre as quais Shulamith Firestone, Judith Butler e Allison Jagger. Em um dos seus mais importantes livros sobre o feminismo, fundado na cosmovisão dialética de Marx, Firestone afirmou:

De modo que, assim como para assegurar a eliminação das classes econômicas, é preciso a revolta da classe baixa (o proletariado) e, numa ditadura temporária, a tomada dos meios de produção, assim também, para assegurar a eliminação das classes sexuais, é preciso a revolta da classe baixa (as mulheres) e a tomada do controle da reprodução: a restituição às mulheres da propriedade de seus próprios corpos, bem como o controle feminino da fertilidade humana, incluindo tanto a nova tecnologia quanto as instituições sociais da nutrição e da educação das crianças. E, assim como a meta final da revolução socialista não era apenas a eliminação do privilégio da classe econômica, mas também da própria distinção da classe econômica, assim

---

<sup>31</sup> BEAUVOIR, 2016, 17.

<sup>32</sup> Cf. FAZIO, 2014, 249.



também a meta final da revolução feminista deve ser, ao contrário da meta do primeiro movimento feminista, não apenas a eliminação do privilégio do homem, mas também da própria distinção sexual: as diferenças genitais não mais significariam culturalmente. Uma volta a uma pansexualidade livre – a “perversão polimorfa” de Freud – provavelmente substituiria a hetero, a homo e a bissexualidade. (...) A tirania da família biológica seria quebrada.<sup>33</sup>

No texto é possível notar que, para as feministas, que tem uma visão marxista, diferença é sempre desigualdade, e desigualdade é sempre opressão, que deve ser combatida de modo revolucionário. O conteúdo do texto, mas, sobretudo, o tom das afirmações de Firestone, evidenciam o pano de fundo conflitual e a promoção de uma lógica conflitiva entre o homem e a mulher e, no fim, dentro da própria família.

A obra de Firestone, juntamente com as de Beauvoir, defendia o conflito entre o homem e a mulher como modo de superação da opressão sexual e fim do domínio dos homens. Se no passado temia-se o machismo, o seu oposto, o feminismo, mostrou-se igualmente temível ou mais deplorável. Esse impulsionava fortemente a misandria, de tal sorte que, em alguns grupos feministas, se incitava até mesmo o ódio contra os homens e a ideia de que eles não são necessários nem para a humanidade e nem mesmo para a procriação e, em extremo, se propunha a própria eliminação do ser humano masculino.<sup>34</sup>

No imaginário da geração influenciada por esse feminismo, ficou eclipsada, senão apagada, a figura paterna, acusada da culpa de todo o mal social. Atacou-se, assim, a base do laço matrimonial, o amor esponsal entre o homem e a mulher. Como consequência, os filhos nasceram e cresceram, em grande escala, sem o pai, mesmo que esse fosse presente, enquanto a mãe se debatia entre duas jornadas, sem condições de assumir o lugar paterno e o seu, e, no fim, a geração que se seguiu ficou órfã de pai, com sua imagem feminilizada, e de mãe, com sua pseudo figura masculina.

## **2. O feminismo de gênero e sua homônima ideologia**

A terceira onda do feminismo começou no início da década de 1990, como uma resposta às supostas falhas da segunda. Ao mesmo tempo, foi também como que uma retaliação às iniciativas e movimentos criados pela

---

<sup>33</sup> FIRESTONE, 1976, 20-21.

<sup>34</sup> Cf. FAZIO, 2014, 250.

segunda onda, pois visava desafiar ou evitar as definições essencialistas da feminilidade feitas por essa onda. Como a terceira onda enfatizou o termo “gênero”, como distintivo de seus postulados, o feminismo dessa onda foi pouco a pouco sendo conhecido como Feminismo de Gênero que deu origem à conhecida “Ideologia de gênero”.

### **a) A sua tese principal**

A tese principal da Ideologia de Gênero pode ser resumida pela afirmação da feminista Judith Butler:

Embora a unidade não problematizada da noção de “mulheres” seja frequentemente invocada para construir uma solidariedade da identidade, uma divisão se introduz no sujeito feminista por meio da distinção entre sexo e gênero. Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende a tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tão pouco aparentemente fixo quanto o sexo. (...) Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira.<sup>35</sup>

Estas afirmações se baseiam na antiga tese de John William Money, biólogo, psicólogo e sexologista, que afirmava ser o gênero e o sexo biológico duas coisas diferentes. Segundo Money, a feminilidade e a masculinidade seriam estabelecidas pela imposição às crianças de papéis culturais, chamados por ele de papéis de gênero, que no ocidente judaico-cristão estão ligados com o sexo biológico, que vão desde o nome aos destinatários do desejo sexual. Tais papéis, por sua vez, constroem a identidade sexual que a criança introjeta ao longo dos primeiros dois anos de vida. Assim, ela assume uma identidade sexual, chamada por ele de identidade de gênero, que lhe foi imposta pela cultura dos pais.

As diferenças entre o ser homem e o ser mulher não corresponderiam, além das óbvias diferenças corporais, à sua natureza biológica, mas seriam meras construções culturais, “plasmadas” sobre os papéis e estereótipos que em cada sociedade se atribui aos sexos.<sup>36</sup> Na visão de Money, as crianças nasceriam, portanto, com um gênero neutro que seria determinado

---

<sup>35</sup> BUTLER, 2019, 25-26.

<sup>36</sup> Cf. FAZIO, 2014, 253.

até os dois anos de vida em virtude do modo como as crianças fossem educadas pelos pais.

A conclusão a que se poderia chegar, parafraseando Butler, é óbvia. Se o gênero é uma construção radicalmente independente do sexo, o próprio gênero torna-se um artifício livre de vínculos; conseqüentemente, homem e masculino poderão ser referidos tanto a um corpo feminino como a um masculino; mulher e feminino, seja a um corpo masculino, seja a um feminino. Não há razão para um pensamento binário que se restrinja ao masculino e ao feminino. Cada um poderia “inventar-se” a si mesmo, do ponto de vista da identidade sexual, quantas vezes quisesse. Pode-se entender, assim, a frase de Beauvoir que está por detrás das ideias de Butler, profética para o feminismo de gênero: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”<sup>37</sup>.

## **b) Um mosaico do marxismo**

Pesquisas científicas sérias provam que as ideias de Money e as das feministas de gênero são cientificamente absurdas.<sup>38</sup> Todavia, para propagar suas disparatadas ideias, os fautores da supracitada ideologia precisaram usar todos os meios defendidos por Marx e pelos movimentos neomarxistas, não se fazendo de rogados para usarem da mesma manipulação. Formaram assim, um mosaico para a sua imposição ideológica.

### **1. No campo das políticas públicas**

Em primeiro lugar passaram a influenciar fortemente as políticas públicas, de modo que as ideias fossem aceitas pelos governantes e assumidas como parte de um programa de governo a favor da Ideologia de gênero. Basta pensarmos no que foi feito na Conferência da Organização das Nações Unidas realizada em Pequim, no ano de 1995. O evento resultou em orientações para que governos de todo o mundo incorporassem a “perspectiva de gênero” em todo programa e em toda a política, em cada instituição pública e privada. Assim, a Conferência se tornou um marco da presença do feminismo de gênero, com o termo que o qualifica, e pelo forte apoio às ideias da homônima ideologia. O apoio para essa instrumentalização política veio, sobretudo, da Social Democracia filo marxista.

Se observarmos, depois deste evento, os países ocidentais passaram a criar ou modificar um grande número de leis a fim de promover as ideias

---

<sup>37</sup> BEAUVOIR, 2016, 11.

<sup>38</sup> Cf. SCALA, 2016, 99-137.

da Ideologia de gênero. No Brasil, ficou famoso Projeto de Lei nº 122, de 2006, que propunha a criminalização de atos resultantes de discriminação ou preconceito de gênero, sexo, orientação sexual e identidade de gênero, estabelecendo, assim, as tipificações e delimitando as responsabilidades dos atos e dos agentes. No fundo, o que se pretendia, além da criminalização, era desconstruir os conceitos tradicionais de sexo, e as demais palavras do mesmo campo semântico, e substituí-lo por gênero, com todas as consequências ideológicas.

## 2. No campo da educação

Seguindo aquilo que Gramsci defendia, os ideólogos do gênero, marxistas culturais natos, usaram a educação como meio de propagação de suas ideias. Isto se deu desde a formação dos professores à introdução de materiais didáticos, endereçados até mesmo às crianças. Uma rápida leitura dos livros em destaque no cenário atual nos fará encontrar uma ou mais expressões como estas, típicas do discurso de gênero: opção sexual, igualdade sexual, direitos sexuais e reprodutivos, saúde sexual e reprodutiva, igualdade e desigualdade de gênero, empoderamento das mulheres, patriarcado, sexismo, direito ao aborto, gravidez não desejada, tipos de família, casamento homossexual, homofobia.

A manipulação da linguagem dos livros foi parte da estratégia ideológica de ascensão ao poder e a manutenção nele. Por ela, se deu a introdução não só de uma linguagem, mas de uma nova ordem moral, onde o que até então era considerado um mal não só fosse legalizado, mas desejado.<sup>39</sup>

Dentro deste cenário, além da formação pseudo intelectual dos estudantes, eles conseguiram também recrutar um número enorme de militantes. A começar das jovens enamoradas do movimento, as trincheiras foram engrossadas pelo movimento LGBT e pelo movimento Queer, a quem os ideólogos do gênero sustentavam, pois defendiam a livre possibilidade de todos tipo de experiência sexual. Com o apoio desses novos militantes, a Ideologia de Gênero ampliou o seu fronte de ataque e suas posições contundentes atingiram alvos além dos propostos inicialmente: os homens.

## 3. No campo da arte

Outro meio amplamente usado foi o das artes. Assumida de modo amplo e irrestrito por grande parte da assim conhecida “classe artística”, as ideias defendidas pelos ideólogos do gênero foram amplamente divulgadas e

---

<sup>39</sup> Cf. SCALA, 2016, 36-46; FAZIO, 2014, 251.

formaram o imaginário cultural do ocidente. Filmes, novelas, mostras em museus, peças teatrais, tudo deveria servir para que a ideologia de gênero se propagasse, sobretudo entre os jovens, marcados por uma educação desqualificada, sem grande capacidade crítica, imersos em uma cultura nebulosa. E infelizmente, conseguiram.

Por meio da arte, tais as ideias não só foram defendidas, mas propostas como ideais de vida que formaram uma grande massa “grudada na telinha”. Isto se deu facilmente, pois por meio da arte, que é capaz de despertar fortemente os sentimentos, a engenharia social programava as convicções das pessoas na intersecção entre o afetivo e a mensagem transmitida. Assim, dos bons afetos experimentados, os jovens passavam para a aceitação tácita dos postulados do gênero e se transformavam em militantes aguerridos.

### **c) O objetivo perseguido**

Como o próprio nome acusa, o gênero é uma ideologia, isto é, “é um sistema fechado de ideias que se postula como modelo através do qual toda a vida humana em sociedade deve ser reestruturada”<sup>40</sup>. Como defendia Voegelin, esse modelo é concebido sem nenhuma ligação necessária com a realidade.<sup>41</sup> Assim, a ideologia se configura como uma absolutização de uma ideia, desconectada do real, com o intuito de servir aos interesses de uma classe ou grupo dominante ou minoritário para conquistar ou se manter nele. Podemos atribuir tudo isso à ideologia de gênero.

O intuito último dessa ideologia é ser uma ferramenta de poder para instaurar um novo autoritarismo no mundo, com base na revolução sexual e na engenharia social de modificação da cultura que permita a tomada de poder por parte das mulheres. Cumprir-se-ia, assim, o que propôs Marx e que foi reinterpretado pelo feminismo: a revolução da classe oprimida, o fim do patriarcado e a ditadura das mulheres.<sup>42</sup> Nesse mundo não há lugar para a família fundada pelo matrimônio entre um homem e uma mulher, dentro do qual nascem os filhos, e nem mesmo para a religião, sobretudo a Igreja Católica, um dos únicos baluartes mundiais que se colocam na frente desta ideologia e defendem o matrimônio monogâmico e a sexu-

---

<sup>40</sup> SCALA, 2016, p. 35.

<sup>41</sup> Cf. VOEGELIN, 2008, 77-90.

<sup>42</sup> Cf. SCALA, 2016, 139-196.

alidade natural. Por isso, família e Igreja Católica foram perseguidas e se tentou destruí-las.<sup>43</sup>

### **3. Da dialética para a dialética**

Por fim, devemos dizer que um outro fruto percebido atualmente é o profundo clima conflitivo em que vivemos e que está intimamente ligado à principal matriz ideológica que forjou a cultura contemporânea: a marxista. O percurso feito mostrou como os principais movimentos que formaram a cultura atual fundaram sua reflexão e prática na proposta de Marx e Engels e, em seus campos específicos, foram como que uma releitura dela. Todos esses movimentos têm, em comum, entres outros pontos, o fato de se pautarem em uma cosmovisão dialética e por produzirem ainda mais dialética na sociedade. Em suma, nascem da ideia de conflito e fomentam ainda mais luta entre os homens, típico da mentalidade revolucionária que está na raiz do marxismo.

Ao invés de promover a compreensão fraterna das relações e a superação da irresponsabilidade para com o irmão, mal esse que está na raiz de quase todos problemas sociais atuais, a visão marxista ensinou o homem contemporâneo a ver seu semelhante como um inimigo. Assim, a proposta de solução da questão social advinda do marxismo piorou ainda mais a qualidade das relações entre os homens, acabando por produzir milhões de vítimas, do ponto de vista físico e intelectual. A prova da veracidade desta conclusão é justamente a situação social deplorável em que vive o ocidente atualmente, permeado pelos diversos matizes da dialética marxista.

## **IV. Apontamentos para uma solução**

Nesta última parte de nosso artigo, desejamos fazer alguns apontamentos que serviriam como base para procurarmos, juntos, a solução para a crise em que vivemos. Sem sermos exaustivos ou presunçosos, desejamos oferecer algumas reflexões sobre quais pontos poderiam ser o centro da atenção para a reconstrução de nossa cultura.

O ponto de partida para esses apontamentos é o discurso feito pelo Papa Bento XVI no Palácio Reichstag de Berlim, no dia 22 de setembro de 2011. O Papa afirmou:

---

<sup>43</sup> Cf. FAZIO, 2014, p. 252.

A cultura da Europa nasceu do encontro entre Jerusalém, Atenas e Roma, do encontro entre a fé no Deus de Israel, a razão filosófica dos Gregos e o pensamento jurídico de Roma. Este tríplice encontro forma a identidade íntima da Europa.<sup>44</sup>

O fundamento da cultura europeia, que é a fonte comum para a cultura do ocidente e também para a cultura brasileira, está fundada, portanto, em três alicerces: a racionalidade grega, o direito romano e a moral judaico-cristã. Tais alicerces se mantiveram, de modo geral, intocados durante toda a Idade Média. A passagem para a Modernidade ideológica perpetrou um ataque frontal a eles. Cremos, portanto, que a crise da cultura ocidental atual está profundamente ligada à negação desses seus três alicerces. Sendo assim, a sua reconstrução nos parece depender, de algum modo, do resgate de tais raízes.

### **1. A confiança na razão**

A começar do romantismo, reacionário à árida racionalidade moderna, passando pelo niilismo de Nietzsche e chegando autores pós-modernos, tais como Jean-François Lyotard, Jacques Derrida e Gianni Vattimo, reconhecemos que, pouco a pouco, se insuflou uma grande desconfiança na capacidade da razão de conhecer a verdade.<sup>45</sup> Ao mesmo turno, motivou-se um acento exclusivo na experiência afetiva, sustentando que a razão estética seria o fundamento subjetivista do “conhecimento” da realidade.

Dentro deste quadro, ficou fácil o aparecimento das ideologias e a sua disseminação. Esses movimentos pseudo racionais produzem, na verdade, como explicou Voegelin,<sup>46</sup> um eclipse na realidade, devido ao fato de sua irrazoabilidade. Por isso, parafraseando o filósofo vienense, cremos que, em primeiro lugar, é sumamente necessário a retomada da confiança na capacidade da razão em conhecer a verdade, isto é, devemos voltar a filosofar, ato que pressupõe a confiança na razão e na sua capacidade, para resgatar a realidade obscurecida pelas ideologias.<sup>47</sup>

Isso pressupõe que retomemos, em todas as instâncias possíveis, um caminho de verdadeira educação para o uso da razão. A começar pela educação familiar, passando pelos estudos obrigatórios até chegar aos demais

---

<sup>44</sup> BENTO XVI, 2011.

<sup>45</sup> Cf. FAZIO, 2014, 214-237.

<sup>46</sup> Cf. VOEGELIN, 2008, 78-90.

<sup>47</sup> Cf. *Ibid.*, 139-149.

ambientes de construção da cultura, devemos promover uma verdadeira formação intelectual voltada para a racionalidade.

Para esse fim, é importante que os homens que procuram o verdadeiro conhecimento racional, passem a ocupar novamente os lugares que lhes foram tirados nas instituições de formação da cultura: as cátedras universitárias, as estantes das livrarias, os bastidores das artes. Só assim, a partir de um novo movimento intelectual, poderemos ultrapassar a era das ideologias.

Mas a razão isolada não se basta. Desde os tempos gregos clássico, o homem sabe que a esfera racional depende de uma Razão Criadora. Isso ficou ainda mais evidente no encontro da cultura ocidental com a fé judaico-cristã. A fé do povo eleito, levada à sua plenitude em Cristo, mostra como o homem não é e não pode viver fechado em si e, quando o faz, promove sua autodestruição, como vimos o resultado das ideologias ateias da modernidade. Por isso, a razão humana deve estar aberta a Deus e Dele receber as luzes e as graças para um verdadeiro conhecimento. Assim, une-se a procura do conhecimento racional com a santidade de vida.

Essa união, característica distintiva da intelectualidade cristã, deveria aparecer como um farol para os nossos tempos. A Igreja católica, por dezesseis séculos, até a modernidade, deu ao mundo uma imensa colaboração em todos os âmbitos de sua existência, que é parte integrante das raízes culturais ocidentais. Em grande parte, isso se deu pelo influxo que a fé teve nos mais diversos âmbitos da formação cultural, cooperando inclusive com as ciências, à qual a Igreja não é alheia e a quem ela apoia e motiva. Cremos, por isso, que a Igreja deveria assumir, outra vez, esse seu papel de fomentar, por uma profunda vivência da fé fundada sobre a razão, a formação dos homens, sobretudo dos intelectuais, que estão na base da construção de uma cultura.

## **2. A lei e o direito natural**

A destruição cultural do ocidente tem também a ver com uma mudança paradigmática das instituições sociais e culturais. A ascensão das ideologias com a conseqüente imposição dos seus dogmas, visto que são uma religião secular, exigiu a ruptura com aquilo que era o fundamento das leis, da sua execução e do juízo sobre o seu cumprimento ou não. Estamos nos referindo à lei natural e ao direito natural dela advindo.

A recuperação desses dois paradigmas milenares da cultura ocidental está intimamente associada e dependente da revalorização da razão. A



redescoberta da confiança na capacidade racional deve, portanto, nos levar novamente a pautarmos a vida em sociedade na natureza humana e na razão humana. O Papa Bento XVI afirma que,

ao contrário doutras grandes religiões, o cristianismo nunca impôs ao Estado e à sociedade um direito revelado, nunca impôs um ordenamento jurídico derivado duma revelação. Mas apelou para a natureza e a razão como verdadeiras fontes do direito; apelou para a harmonia entre razão objetiva e subjetiva, mas uma harmonia que pressupõe serem as duas esferas fundadas na Razão criadora de Deus.<sup>48</sup>

A teologia cristã no campo da justiça buscou, assim, as suas bases no movimento filosófico e jurídico que estava formado já desde o século II a.C., fruto do encontro entre o direito natural social, desenvolvido pelos filósofos estoicos, e autorizados mestres do direito romano. A sociedade ocidental, portanto, baseou sua justiça na lei natural, entendida como a própria razão do homem, da qual nascia o direito natural. Abandonando essas duas bases, como aconteceu na modernidade, decreta-se o positivismo jurídico, que se vale do tema da liberdade para impor o desejo dos mais fortes.

Se observarmos o que faz o feminismo radical de gênero e os demais movimentos ligados ao marxismo, veremos que eles negam a natureza humana e, portanto, a lei natural e o direito natural. A partir daí, através do lobby, eles propõem a aprovação de leis que, em nome da liberdade, afirmam ser justas, mas que introduzem na cultura as maiores atrocidades contra o homem, como é o caso do aborto e da eutanásia.

Uma cultura só pode ser promotora da verdadeira humanidade se se baseia no que é justo e bom para o homem. E só compreendemos o que é justo e bom se olharmos para a sua natureza. Por isso, cremos que é importante recuperarmos a correta compreensão de lei natural e direito natural e oferecermos outra vez esse patrimônio histórico ocidental para a reconstrução de nossa cultura.

### **3. A raiz judaico-cristã**

Sabemos que a época moderna foi, em termos gerais, a de uma crise de fé, ou seja, a perda de uma concepção do mundo unitária e segura, e onde tudo se articulava de modo harmônico em torno de um centro, que era Deus e, portanto, a fé nele. Com o surgimento das ideologias moder-

---

<sup>48</sup> BENTO XVI, 2011.

nas, a crise de fé evoluiu para o materialismo ateu e para uma tentativa de divinizar o homem.

Essa secularização, entendida como negação de Deus e da realidade transcendente, associada à paulatina desconfiança na razão humana e na existência de uma natureza comum entre os homens, fez com que a subjetividade individual fosse elevada ao status divino e cada homem fosse, sem qualquer base racional, o árbitro de suas ações, que já não poderiam mais ser julgadas objetivamente como boas ou más. Sem Deus, o mundo vira um Panteão terrestre, onde o ego individual ocupa o lugar divino e, por isso, a realidade se torna uma guerra entre os pseudo deuses que querem se impor uns sobre os outros.

Os dois elementos anteriores para a reconstrução de nossa cultura seriam, portanto, insuficientes se faltasse a recuperação da raiz judaico-cristã. Esse terceiro alicerce da cultura ocidental é aquele que dá ao homem a pedra angular para sua correta colocação no mundo. Isto se dá, pois somente na sua relação com Deus é que o ser humano pode compreender-se a si mesmo, qual seu lugar no mundo, como deve ser sua relação com seu irmão e com o mundo que o rodeia. Além disso, é somente diante de Deus que ele enfrenta a responsabilidade de suas ações, em virtude da tensão escatológica individual e social que o projeta para além do tempo e para a passagem necessária pelo juízo divino.

Para isso, cremos que a Igreja tem um importante papel de, por meio do anúncio de Jesus Cristo, dar ao homem contemporâneo uma nova possibilidade de se encontrar com o Senhor Ressuscitado e de fazer outra vez uma profunda experiência de fé. O encontro com Cristo, fez com o que homem reencontrasse o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,6) que pudessem conduzi-lo à plenitude de sua existência, pois Ele é “aquele que na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime” (GS 22). Por isso, o encontro pessoal com Jesus, associado ao progressivo caminho de formação intelectual, poderá produzir grandes homens de fé e de envergadura intelectual que, a partir de uma vida moral à altura da dignidade humana e influenciando o mundo, podem devolver à nossa cultura o seu esplendor.

A possibilidade de uma verdadeira experiência de fé e formação pessoal exige, por sua vez, que recuperemos o papel central da família para o ser humano, para a civilização e para cultura. Não é à toa que todas as ideologias atacaram frontalmente esta instituição criacional e natural, pois sabiam que por ela, cada novo ser humano, como que por osmose,

aprenderia “do travesseiro” a fé em Cristo e, com Ele, o verdadeiro modo de ser homem. A missão de restaurar as famílias é um dos pontos mais importantes para a Igreja e deve converter-se também num objetivo de toda sociedade que quer superar a falácia das ideologias e reconstruir-se sobre bases sólidas.

## **Conclusão**

Gostaríamos de oferecer, à guisa de conclusão, duas últimas palavras. Em primeiro lugar, devemos dizer que, certamente temos elementos positivos na nossa cultura atual, mas negar que ela está em crise, há mais de um século, seria tão deletério quanto um doente grave que afirma não estar enfermo e, por isso, não procura um médico. O feminismo e a ideologia de gênero, frutos atuais do caminho começado na modernidade e, mais particularmente, no marxismo, são a expressão de tal falta de sanidade e, ao mesmo tempo, tem um importante papel na produção dessa enfermidade. Por isso, o melhor que temos a fazer é, sem tratarmos ninguém como inimigos, mas como destinatários daquela caridade que Jesus nos ensinou, dar o remédio devido para curar esta doença, em vista de um caminho paulatino que nos leve à plenitude em Cristo e à feliz eternidade com Deus e com os irmãos.

Em segundo lugar, devemos assumir que as causas dessa enfermidade são multifatoriais e, por isso, requer muito mais que uma simples recordação do passado para darmos remédio à doença diagnosticada. O passado é, sem dúvida, uma rocha para cada pessoa e cultura, sobre a qual ambas podem se desenvolver. Por isso, nos voltamos para ele e recordamos o que ele nos ensina. Precisamos, porém, discernir como assumir os elementos do passado e desenvolvê-los no contexto atual. Os três alicerces mencionados continuam a ser a pedra fundamental, mas caberá a nós, cristãos e homens de boa vontade desse tempo, reconstruir nossa cultura sobre eles, com a firme fé e esperança em Cristo, que prometeu estar conosco todos os dias até o fim dos tempos.

Pe. Luiz Henrique Brandão de Figueiredo

## Bibliografia

- BEAUVOIR, Simone, *O segundo sexo. Fatos e mitos*, Vol. 1, Nova Fronteira, Rio de Janeiro 2016.
- , *O segundo sexo. A experiência vivida*, Vol. 2, Nova Fronteira, Rio de Janeiro 2016.
- BENTO XVI, *Discurso no Palácio Reichstag de Berlim* (22 de setembro de 2011), Acta Apostolicae Sedis, n. 103/10, Città del Vaticano 2011, 663-669.
- BUTLER, Judith, *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro 2019.
- CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Pastoral *Gaudium et spes*. Sobre a Igreja no mundo de hoje (07 de dezembro de 1965). Acta Apostolicae Sedis, n. 58, Città del Vaticano 1966, 1025-1120.
- COURTOIS, Stéphane et al., *O livro negro do Comunismo. Crime, terror e repressão*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro 2019.
- ENGELS, Friedrich, *A origem da família, da propriedade e do estado*, BestBolso, Rio de Janeiro 2014.
- FAZIO, Mariano, *Fundamentos da cultura contemporânea*, Moinho Velho, Lisboa 2014.
- FIRESTONE, Shulamith, *A dialética do sexo. Um manifesto da revolução feminista*, Labos, Rio de Janeiro 1976.
- FREIRE, Paulo, *Pedagogia do oprimido*, Paz e Terra, São Paulo 2005.
- , *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*, Paz e Terra, São Paulo 2011.
- HOROWITZ, David, *O filho radical*, Peixoto Neto, São Paulo 2012.
- , *Dark agenda. The war to destroy Christian America*, Humanix Books, Florida 2019.
- MARCUSE, Herbert, *Eros e civilização*, Círculo do Livro, São Paulo 1956.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, *Manifesto do partido comunista*, Boitempo, São Paulo 2007.
- MERQUIOR, José Guilherme, *O marxismo ocidental*, É realizações, São Paulo 2018.

SANTOS, Mário Ferreira dos, *Análise dialética do marxismo*, É realizações, São Paulo 2018.

SCALA, Jorge, *Ideologia de gênero. O neototalitarismo e a morte da família*, Katechesis, São Paulo 2015.

VOEGELIN, Eric, *Reflexões autobiográficas*, É Realizações, São Paulo 2008.

VYGOTSKY, Levy, *A formação social da mente*, Martins Fontes, Rio de Janeiro 2015.

## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>204</b>
<b>I. A Modernidade e sua evolução ideológica .....</b>	<b>205</b>
1. Os antecedentes da Modernidade ideológica.....	205
2. A dialética hegeliana .....	206
3. A Modernidade ideológica e o marxismo de Marx e Engels .....	207
<b>II. O neomarxismo .....</b>	<b>209</b>
1. A revolução russa leninista .....	209
2. O socialismo fabiano .....	210
3. A Escola de Frankfurt .....	211
4. A revolução marcusiana.....	212
5. A educação marxista .....	214
6. O papel da mídia.....	216
<b>III. Os frutos na história imediata e suas obscuridades .....</b>	<b>217</b>
1. O feminismo .....	217
a) A primeira onda .....	217
b) A segunda onda.....	217
2. O feminismo de gênero e sua homônima ideologia.....	219
a) A sua tese principal .....	220
b) Um mosaico do marxismo.....	221
c) O objetivo perseguido.....	223
3. Da dialética para a dialética .....	224
<b>IV. Apontamentos para uma solução.....</b>	<b>224</b>
1. A confiança na razão .....	225
2. A lei e o direito natural.....	226
3. A raiz judaico-cristã .....	227
<b>Conclusão.....</b>	<b>229</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>230</b>